

Sociedade Hispano Brasileira: espaço de constituição de territórios espanhóis e ou hispano/brasileiros, São Paulo 1980-2010

LUIZ CARLOS LUNA CHORRO¹

Esta investigação teve como uma de suas preocupações centrais, apreender como imigrantes espanhóis e seus descendentes reconheciam fazer parte de uma cultura espanhola ou hispano-brasileira. A pesquisa teve também como intuito perceber de quais maneiras estes imigrantes foram constituindo territórios com fortes traços da cultura espanhola, demarcando espaços e moldando práticas e experiências da cultura espanhola na cidade de São Paulo.

Para que pudéssemos dar um norte a nossa investigação, fizemos um recorte temporal e espacial, tendo como temática central em um primeiro momento a *Fiesta de Andalucía*, uma festa flamenca realizada anualmente na Sociedade Hispano Brasileira, variando entre os meses de abril, maio e junho. Delimitamos assim como recorte temporal os anos entre 1980-2011.

Explanada estas questões buscaremos fundamentar nossa discussão, quanto ao território e os laços que se estabelecem nestes espaços. Desta maneira, esta Sociedade onde a Festa ocorria propiciava que relações de amizade e solidariedade fossem constituídas. Entendemos tanto a Sociedade Hispano Brasileira quanto a *Fiesta de Andalucía* como territórios onde estas experiências e práticas foram possíveis, onde o “ser espanhol foi possível”.

Assim, era na Sociedade Hispano Brasileira que estas sociabilidades e solidariedades entre espanhóis e descendentes eram possíveis, ali se congraçavam. No entanto, é importante enfatizar que este era também um espaço de disputas, as quais mesmo que não apareçam explicitamente estão presentes nas entrelinhas do Jornal *Alborada*, (publicação da Sociedade), fonte a qual nos foi muito importante na construção da narrativa histórica. A partir das narrativas orais buscamos construir nossa própria narrativa, para compreender como espanhóis e descendentes experienciaram, o viver desta cultura espanhola, ou hispano-brasileira nesta Sociedade, suas transformações, suas relações, “em um jogo de recuar e avançar” neste processo de construção de um território espanhol. Nesta trilha, as concepções de Raymond Williams em *Marxismo e Literatura* nos ajudaram a pensar esta cultura dinâmica em constante transformação.

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC - SP

2

Disto isto, vale lembrar que é na cidade de São Paulo que espanhóis e descendentes vão constituindo suas relações, ela é o espaço onde são engendradas as amizades e as relações entre estes imigrantes, fundamentais para a constituição do território espanhol. Seguindo as reflexões de Antônio Arantes em *Paisagens Paulistanas*, apreendemos o território não apenas como o espaço físico, mas como o espaço do vivido, vivo e dinâmico em constante construção.

No intuito de se compreender como estes *territórios* foram se configurando algumas narrativas orais foram colhidas junto aos participantes (bailarinos, cantores, músicos, organizadores e o público) da festa flamenca e frequentadores da Sociedade, e foram muito importantes na compreensão de algumas das dimensões de um viver espanhol e ou hispano/brasileiro. Suas memórias permitiram perceber como estas experiências são compartilhadas na Festa e na Sociedade Hispano Brasileira. Assim nos utilizamos da História Oral como metodologia de pesquisa, para tanto, algumas reflexões a partir das concepções de Alessandro Portelli e Mercedes Vilanova nos permitiram perceber que deveríamos produzir juntos entrevistador e entrevistado, a fonte de pesquisa. No decorrer dos diálogos questões outras que não as previamente estabelecidas, eram colocadas para que se pudesse perceber como suas experiências e relações eram experimentadas na Sociedade, na Festa e em seu cotidiano.

Os espanhóis vão se apropriando da cidade e vão ocupando espaços. Assim seus territórios vão sendo constituídos. Alguns vão se organizando em suas moradias, em bairros onde entendem haver uma presença espanhola mais expressiva ou ainda onde possam estar próximos a outros imigrantes espanhóis, aos seus compatriotas. De acordo com Adriana, os espanhóis e descendentes têm uma presença marcante no bairro: *inclusive meu pai até hoje, acho que eles não saíram aqui do Ipiranga ainda, porque aqui tem muito espanhol, tem muito.*². O que nos chama a atenção é que, praças, ruas e monumentos, na perspectiva de Arantes, são territórios, espaços apropriados pelos sujeitos históricos que deixam neles suas marcas. É na Vila Monumento que vivem e convivem vários hispano brasileiros. É também onde, está situada a Sociedade Hispano Brasileira (S.H.B), “território” que propicia à um grupo de andaluzes formar um grupo de arte flamenca. Não sendo exclusivamente andaluz, trata-se de entidade que acolhe e realiza outras festas que homenageiam diversas regiões da Espanha, como por exemplo, Galícia, Valencia, Astúrias, etc. Esta Sociedade dispõe de piscinas, quadras de futebol de salão, tênis,

² Adriana Peres. Entrevista realizada na Sociedade Hispano Brasileira. 14/07/2007. História de vida.

3

voleibol, basquete, além de salões de jogos, dominó e bilhar. É comum ver nos arredores do bar do clube, e nas salas de jogos, gerações idosas jogando baralho e se divertindo nas horas vagas.

Foi possível perceber em outras entrevistas além da de Adriana Peres, a presença de imigrantes espanhóis no bairro do Ipiranga em São Paulo, mesmo que hoje ela não seja mais tão marcante. Iracy Prades nos conta que a presença espanhola no Ipiranga foi mais forte em anos anteriores e que atualmente talvez não seja mais tão significativa. É muito importante lembrar que mesmo que Iracy afirme não haver mais uma presença espanhola, como houve em outra época, ela mesma vive no Ipiranga, não só vive como também tem sua academia de dança na Rua Silva Bueno localizada no bairro. Ela nos diz que vive no bairro desde sua infância, ou seja, desde seu nascimento, e argumenta, *quando meu pai veio pro Brasil ele achou que aqui era um lugar o Ipiranga*³. Para muitos, escolher o Ipiranga para viver se deve ao fato de que esse bairro já abrigava alguns espanhóis. Outros bairros também receberam espanhóis como Brás, Mooca e Vila Prudente.

O senhor Emilio Fernandez Cano, um espanhol morador do Ipiranga e das proximidades da Sociedade Hispano Brasileira (S.H.B) da qual é sócio, era o responsável pelo arquivo da Sociedade e nos forneceu alguns documentos para a pesquisa que desenvolvemos.

Na compreensão de Antônio Benega, neto de espanhóis, o prédio que abriga a Sociedade Hispano Brasileira se encontra localizado no Ipiranga por ser este local próximo aos bairros onde viviam os espanhóis quando de sua construção.

Fundada em 13 de março de 1898, a *Sociedad Española de Socorros Mutuos e Instrucción*, tinha como objetivo: (...) “*proporcionar salud a los cuerpos de aquellos pobres emigrantes enfermos*” (...), (MERCHAN, 1993: 5) tendo como seu primeiro presidente Joaquin Aparício Mayol⁴. Seu intuito inicial era dar instrução aos emigrantes, além de assistência médica, farmacêutica e pecuniária. Vale ressaltar que no ano de 1900 fundou-se na Sociedade uma farmácia, onde havia um médico a disposição dos sócios ou até mesmo de não sócios, espanhóis, que necessitassem de ajuda, sob o argumento de que esses não eram assistidos de forma adequada no Brasil, ou não tinham condições financeiras satisfatórias. A partir de sua fundação, determinou-se que quaisquer que fossem os documentos emitidos pela Sociedade, deveriam ser

³ Iracy Prades. Entrevista realizada na Sociedade Hispano Brasileira. 27/02/2011. História de vida.

⁴ Joaquin Aparício Mayol, além de ter sido o primeiro presidente da Sociedade, foi também um dos idealizadores desta que seria uma entidade com um fim assistencialista, amparando aqueles espanhóis que não tinham a quem recorrer em momentos de dificuldades vividos na nova terra.

4

estes redigidos no idioma oficial de Espanha. Definiu-se também que teriam direito a associar-se todas as pessoas sem distinção de sexo, nascidas na Espanha, com idade inferior a sessenta anos, filhos de espanhóis, ou ainda, estrangeiros casados com espanholas.

Desde sua fundação até o início dos anos sessenta do sec. XX, o intuito da Sociedade — que comprara seu primeiro terreno na Rua Olvidor Portugal, Vila Monumento para construção de sua sede própria, uma vez que pagara aluguel em seu endereço inicial — era construir um hospital para dar assistência médica e hospitalar a espanhóis e descendentes. No entanto, no início da década de sessenta há uma mudança de planos da Sociedade, por entender que o governo brasileiro havia implantado o serviço de previdência social que assistia a brasileiros e estrangeiros residentes no país, e que não se fazia mais necessária a construção do tão sonhado hospital. Assim, para sair das sucessivas crises econômicas das quais se ressentia a Sociedade, seria imperativa a emissão de títulos patrimoniais vislumbrando a construção de um clube social com piscinas, às quais mais tarde se juntariam quadras esportivas. Instalações que poderiam atender, a “*las exigencias de la juventud*” (MERCHAN, 1993: 37), dispensava-se assim a necessidade de um hospital.

Marcelino Marchán, no prólogo do livro, *História de la Sociedad Hispano Brasileira de socorros Mutuos Instrução e Recreio*, aponta para a mudança de planos e de finalidade da Sociedade o que acarretou também a alteração do nome:

La Sociedad Española de Socorros Mutuos, quería proporcionar salud a los cuerpos de aquellos pobres emigrantes enfermos, en contraste con la Sociedad Hispano Brasileira de Socorros Mutuos, Instrução e Recreio, cuyo ideal es: proporcionar a sus socios, distracciones sociales, y fortalecer sus cuerpos físicamente, por medio de los juegos deportivos. (MERCHAN, 1993: 05)

O autor Marcelino Marchán, coloca estas duas idéias como contrastantes, como dois momentos, nos quais os focos de atuação da Sociedade são alterados.

Os estatutos da Sociedade previam uma série de atuações em prol do imigrante. Entre estes objetivos previstos estava o fomento da cultura espanhola. Para lograr suas metas, as quais visavam o bem estar dos imigrantes espanhóis radicados em São Paulo, podemos dizer que entre algumas das alternativas encontradas por esta associação para angariar os fundos necessários para se alcançar os objetivos aos quais se propunha estavam as doações e a realização de festas

5

artísticas e recreativas, além de exposições e tómbolas, vislumbrando assim atender aos sócios e às vezes até mesmo os não sócios que necessitassem de ajuda. Não conseguimos ter acesso aos números atualizados de sócios devido ao fato de muitos deles se desligarem ou desistirem sem comunicar à Sociedade e assim não fazerem parte efetiva do quadro de associados, além destas questões há também alguns falecimentos, que fazem com que o quadro esteja desatualizado. De acordo com atual presidente da Sociedade, Maria Vazquez, que preferiu não passar nenhum número para não se equivocar, estes levantamentos estão sendo feitos pela Sociedade. O que podemos dizer é que o *Alborada* de 1995 traz um quadro associativo de 1300 sócios.

Ao longo dos anos, a Associação vai se amoldando às novas realidades que vão se colocando. Assim, devemos enfatizar que em 1976 a Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos Instrução e Recreio unifica-se ao Centro *Español* de São Paulo, que por sua vez resultara da unificação de outras agremiações espanholas existentes na cidade, entre as quais estava a Casa de Galícia, berço do periódico *Alborada*, que surgira antes mesmo da unificação desta agremiação com as outras associações espanholas que deram origem ao já mencionado Centro Español, incorporado a Sociedade Hispano Brasileira. O periódico *Alborada* foi muito importante na construção de nossas reflexões e na elaboração da pesquisa.

Podemos apreender várias dimensões das experiências e vivências dos espanhóis e descendentes na (S.B.H.) e na *Fiesta de Andalucía*, através do estudo do jornal *Alborada*. Para nos utilizarmos desta fonte, nos reportamos a autores que nos ajudaram a analisá-lo metodologicamente. Desta maneira, entendemos a imprensa como uma fonte importante na investigação histórica, na reconstrução de “*versões e visões*” sobre os acontecimentos, na reconstrução de histórias no plural. Assim, estudar o jornal *Alborada* requer estar atento a estas dimensões.

Imprensa e agências criaram um campo de comunicação que deu uma visibilidade a determinadas experiências, memórias e histórias, transformando certos assuntos e personagens em notoriedade e definido o enfoque e a duração das notícias – pela repetição, insistência, intensidade da narrativa, destaque, composição, etc. Estes são aspectos importantes a considerar quando lançamos mão de jornais e revistas apenas como fonte de informações sobre o passado e nos esquecemos de investigar o significado dos silêncios e omissões ou de sua loquacidade sobre algumas temáticas. Ou seja, é preciso indagar sobre o modo

como os jornais constituem formas de olhar e narrar o acontecido e de fixar uma versão entre outras possíveis. (MACIEL, 2004: 26)

Diante destas questões importantes apontadas pela autora, buscamos identificar no *Alborada* o seu olhar sobre os acontecimentos. A constante preocupação do jornal em aglutinar os espanhóis sócios do clube, em torno de seu projeto de *hispanidad*. É nossa preocupação perceber o *Alborada* como um espaço de disputas políticas, entre os diferentes grupos espanhóis, cujas divergências nem sempre procura evidenciar. É mister pontuar que esse periódico, não é um veículo de informação nos moldes da grande imprensa que tem um público alvo bem mais diversificado com propostas editoriais que pretendem atingir outras instancias do social, com outros projetos. O periódico com o qual estamos dialogando, ao divulgar festividades, assistências voltadas aos imigrantes, benefícios aos espanhóis e descendentes, vai constituindo o seu projeto do que significa ser espanhol/brasileiros em terras paulistanas.

Pertencente à Sociedade e por ela mantido financeiramente, o jornal *Alborada*, com uma tiragem de 3000 exemplares, conta também com o patrocínio de alguns associados, que de certa forma sentem a vontade e a necessidade de apoiar financeiramente um periódico produzido e destinado aos seus compatriotas. O retorno financeiro aos patrocinadores é muito pequeno. A atual vice-presidente do Clube Hispano, Mari Mariñas esclarece:

— *Mari: No começo era a própria directiva que bancava depois eram os anunciantes.*

— *Luiz: E estes anunciantes, eram o que, espanhóis?*

— *Mari: Espanhóis e descendentes. Eram eles claro que faziam, porque veja bem, a propaganda aqui nos periódicos as pessoas dão mais porque são amigos porque são sócios, porque o retorno é muito pouco.*⁵

O *Alborada* é o porta-voz da Sociedade Hispano Brasileira (S.H.B.). Através dele, a Sociedade conclama seus sócios a participarem e privilegiarem as festas típicas referentes a cada região da Espanha que são realizadas ali. Também no livro produzido pela Sociedade Hispano Brasileira, “História de La Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos Instrução e

⁵ Maria Dolores Daparte Souto Mariñas. Entrevista realizada na sociedade Hispano Brasileira. 23/04/2010. História de vida.

7

Recreio”, há uma preocupação com a participação de todos em todas as festas programadas para o ano de 1993:

Su presencia en todas las fiestas es imprescindible y moralmente están obligados a asistir para honrar a todas las regiones que la Sociedad homenajea. Debemos prestigiar las fiestas típicas, no porque seamos valencianos, andaluces, aragoneses, castellanos, vascos e gallegos, etc., porque el folklore de todas ellas está arraigado en el fondo de todos los españoles, aunque algunos no quieran admitirlo. Tenemos que tener presente, que primero es el orgullo de sentirse españoles, después el de la patria chica, y en todos los casos con mucha honra. (MERCHAN, 1993: 63)

Há um chamamento, uma valorização da cultura espanhola no interior da Sociedade, uma preocupação de se estimular, de se prestigiar festas regionais, mas sem se esquecer da mãe pátria, a Espanha. O artigo propõe que cada etnia prestigie a festa que homenageia a sua região e propõe ainda que galegos prestigiem as festas andaluzas, valencianos as festas catalãs, incentivando assim que todas as etnias estejam presentes em todas as festas, independentemente de quais regiões estejam sendo homenageadas. O ser espanhol é um sentimento que se traduz no momento em que um prestigia a festa do outro.

O periódico *Alborada* desempenha no interior da Sociedade Hispano o papel de aglutinador de seus associados, sob a égide da necessidade de uma unidade espanhola, acima das diferenças. A preocupação com uma unificação se evidencia quando convocam os seus sócios a participarem de algumas atividades, festas do clube, em especial a de *Hispanidad* que se destina a todos os povos espanhóis: “*El mes de octubre es totalmente dedicado a esta fiesta, pues es donde todos los pueblos de origen español se tornan un solo pueblo, el hispánico*”. O periódico o faz conclamando a importância da Festa de *Hispanidad*. Estes convites aos espanhóis, aos sócios do clube a participarem das festas sejam elas a de *Hispanidad*, que contempla a todos ou ainda as regionais que contemplam a cada cultura específica são uma constante nos artigos e nos textos publicados pelo jornal.

Há algo extremamente significativo neste discurso assumido pelo jornal. O orgulho de se sentir espanhol e o orgulho de sua pátria querida — enfatizando que em ambos os casos “com muita honra”— denota uma forma de resistência ao abandono ou esquecimento de sua cultura de

8

origem, sinaliza que fazem parte de um grupo diferente. Suas referências não se apagaram mesmo morando no Brasil. Manter suas práticas culturais é resistir. Outra questão importante que sinalizamos é justamente essa condição *contraditória*, na qual, ora se deve preservar a diversidade e ora se deve lutar pela unificação das diferenças em favor de uma *españolidad*, ou *hispanidad*. Este posicionamento evidencia um desejo de se valorizar a Espanha.

O jornal *Alborada* não se furta ao seu direito de utilizar-se do espaço ao qual detém para fazer críticas a determinados comportamentos de sócios, nas disputas e lutas as quais emergem no interior da Sociedade:

Este ano de 94 fue una época muy difícil en el relacionamiento interno de las fuerzas vivas que dirigen los destinos de la Sociedade Hispano Brasileira. Los problemas surgidos causaron una exaltación de ánimos que parece que bloqueó la capacidad de todos para conseguir un entendimiento razonable. (ALBORADA, 1994 :02)

Intitulado *Una Reflexión*, o artigo propõe paz entre os diferentes grupos em conflito. Precisamos estar atentos as repetições, as lacunas, a insistência em trazer à tona determinadas questões. Nas palavras de Maciel, “devemos investigar os significados dos silêncios e omissões ou de sua loquacidade sobre algumas temáticas” (FENELON, 2000: 26). A partir do que nos propõem Maciel tentamos interpretar esta insistência do periódico *Alborada* em falar em união, em integração, o estar preocupado com uma coletividade espanhola. A nosso ver, isto se dá por conta das dificuldades que se enfrentava para administrar as divergências existentes entre os vários grupos da (S.H.B). Ainda que pertencessem a uma única etnia, seria complicado lidar com as diferentes demandas inerentes ao ser humano. Assim, não podemos nos esquecer que se há no clube culturas espanholas, as quais, por mais que se queira realizar atividades, festas, etc., vislumbrando uma união de todos, são suscetíveis às tensões que se colocam neste ambiente, às vaidades, aos ciúmes, às várias disputas, aos vários embates.

Faz-se importante salientar que os redatores do jornal e deste artigo especificamente, reforçam esses discursos de unidade presentes de forma recorrente, senão em todos, ao menos em alguns, volumes do *Alborada*. Castelhanos, galegos, andaluzes, aragoneses, não são meros representantes de uma *hispanidad* abstrata idílica como quer o *Alborada*. É evidente que existem idéias divergentes, e o *Alborada* parece atuar como um mediador destes embates, sem, contudo explicitar os pontos reais de tensão.

Esses apontamentos até aqui apresentados aproximam-nos muito da perspectiva de trabalho que nos propõem Dea Ribeiro Fenelon. Através de suas reflexões, podemos assinalar que os sujeitos sociais, que vivem e que se apropriam do meio urbano criam e recriam espaços, territórios são demarcados, delimitados através de práticas cotidianas de determinados grupos. A cidade vai se constituindo enquanto espaço, onde relações e sentimentos emergem. Os valores e as crenças presentes no cotidiano das pessoas vão constituindo a sociedade e, conseqüentemente, a cidade e sua cultura. É na vida urbana, vivida por homens e mulheres que a cidade se faz, estes deixam suas marcas no urbano, na arquitetura, na política, na economia e em todas as áreas do social. Cada grupo com suas especificidades, com seus hábitos, costumes e tradições imprime à cidade um determinado perfil, uma determinada configuração.

Essas várias cidades são representadas pelos homens e mulheres que nela habitam e dela se apropriam. As pessoas que dão vida a cidade constituem seus espaços, suas territorialidades que inevitavelmente divergem em aspectos relacionados à cultura. A sociedade e suas diferentes expressões dão forma à cidade “viva” dinâmica e que está sendo re-significada e repensada a todo o momento. Essas são as razões pelas quais a cidade deve ser rediscutida freqüentemente.

É com estas concepções que percebemos uma cidade que em seus meandros vai se configurando como o espaço para que determinadas práticas e manifestações culturais ocorram. Assim podemos encontrar várias cidades no interior de uma única cidade. Após expormos todas estas questões que julgamos pertinentes à compreensão não só da Sociedade à qual estamos nos reportando para estudar a *Fiesta de Andalucía*, mas também da própria sociedade paulistana na qual está inserida, adentramos o universo do grupo que estamos estudando para nos situarmos em relação a suas praticas cotidianas.

A partir de agora buscaremos entender através das narrativas orais elementos do cotidiano de espanhóis e descendentes que por sua vez nos ajudarão a compreender o viver entre fronteiras, ou seja, esta dualidade do sentir-se espanhol e brasileiro. A expressão “entre – lugares”, cunhada por Homi K. Bhabha (BHABHA, 2007) exprime muito bem o significado do viver entre fronteiras. Podemos perceber através das entrevistas de Yara Castro e de Fernando de La Rua, que o viver do e para o flamenco em Madrid, os coloca ante uma experiência de dualidade, de estar *entre - lugares, entre - fronteiras*, já que na Espanha passam a valorizar o ser brasileiro. Tanto Fernando quanto Yara re-significam o que é ser brasileiro. O ser brasileiro os torna diferentes como artistas, trazendo-lhes uma valorização profissional e levando-os a valorizar o

10

ser brasileiro o que não acontecia antes. O sucesso de ambos em Madrid advém do jeito brasileiro que imprimem à arte de tocar guitarra e dançar flamenco respectivamente. Antes de viajarem para Madrid se empenharam em ser o mais madrilenho que fosse possível, buscaram imprimir à sua arte uma “pureza espanhola”.

Assim, entendemos que os sujeitos em seus “modos de vida” experimentam a cultura a qual vivenciam em seu dinamismo, esta é feita de interações, de experiências compartilhadas e distintas. É nessa linha que concordamos com a percepção de Bhabha sobre a cultura, entendida como atitudes, formas de relacionar-se, a moral, os costumes, a língua, o situar-se como indivíduo no social, concepções também presentes em Thompson. Assim, é no intento de compreender estas formas de sociabilidades, solidariedades, disputas na intersecção criadas das culturas, brasileira e espanhola, da qual emerge uma cultura hispano-brasileira, “por assim dizer”, que vai se formando, uma cultura sem espaço geográfico definido, uma cultura resignificada.

Em alguns relatos podemos perceber uma preocupação com a “identidade” híbrida. Assim, apreendemos na narrativa de Iracy, que ao mesmo tempo em que se reporta às festas ou às reuniões espanholas, em casa e em seu ambiente familiar ou ainda na própria Sociedade Hispano Brasileira (S.H.B.), Iracy aponta que há alguns anos o clube realizava festas típicas brasileiras, as quais valorizam a cultura brasileira e questiona que não haja mais espaço na S.H.B para essas atividades já que a Sociedade se localiza em São Paulo, no Brasil.

*Aí é (...) foram só transformando em festas espanholas tudo bem entendeu? Eu acho assim, que tem que já que é um local destinado a cultura, a divulgação da cultura de um país, tem mais é ter realmente coisas que representem, mas não pode esquecer onde ele está instalado que é no Brasil São Paulo, então tem que fazer coisas daqui também né do, do, do país onde está.*⁶

Fernando De La Rua, guitarrista flamenco⁷ também nos dá um pouco desta noção do que é viver esta dualidade de ser espanhol e brasileiro ao mesmo tempo. O músico nos aponta o quão tênues são as fronteiras. Seu deslocamento à península ibérica possibilitou e possibilita viver

⁶ Iracy Prades. Entrevista realizada em sua academia no Ipiranga em São Paulo. 08/06/2007. História de vida

⁷ Guitarrista flamenco é todo músico que toca um instrumento de corda que se assemelha com nosso violão tradicional. Ainda que possa haver diferenças em relação ao que conhecemos como violão, estas não são perceptíveis à um leigo do ponto de vista técnico.

11

uma experiência na Espanha, a qual lhe faz refletir a respeito de seus sentimentos, aqui como um brasileiro que é *filho de um espanhol* (filho de imigrante), lá como um filho de espanhol, que, no entanto é um emigrante *brasileiro*.

*(...) tudo é um processo meio complicado porque eu lá sou considerado um estrangeiro e aqui eu sou considerado um brasileiro, mas com descendência estrangeira quer dizer então é eu não sou de nenhum lado nem do outro, aquele eterno conflito que o imigrante que o filho de imigrante tem nas famílias de imigrantes, isso que eu que é um conflito que existe né.*⁸

*Então, mas existe uma coisa assim social é o fato da gente ser imigrante o fato da gente (...) é que envolve uma série de coisas esse problema do mundo a economia mundial com tendência que o primeiro mundo tem com relação ao Brasil eu me vejo uma pessoa mais brasileira do que eu era antes também*⁹

Fernando, que hoje vive na Espanha, expressa sua condição de imigrante na Espanha, na qual ele se coloca como totalmente integrado à sociedade espanhola, mas ao mesmo tempo se diz *uma pessoa mais brasileira do que era antes*. O que nos importa é seu sentimento de brasileiro. Fernando, mesmo vivendo na Espanha e tentando ter referências flamencas espanholas, mesmo tentando ser um guitarrista flamenco tal qual um espanhol, o ser brasileiro ainda lhe é significativo.

O que Fernando queria quando foi viver na Península Ibérica era ser aceito como “um músico flamenco”. Para ele, isto poderia ocorrer em qualquer país até mesmo no Brasil, contudo sua busca por este reconhecimento se deu na Espanha, país de origem de seu pai e do flamenco. “Sou um músico flamenco quer dizer o fato de eu estar lá e ser aceito pela comunidade flamenca como músico como eles, profissional como eles, e estar trabalhando lá me deu muita segurança.”

10

A narrativa do guitarrista flamenco Fernando De La Rua é muito significativa. Fernando afirma que após a experiência de estar vivendo na Espanha sente-se mais brasileiro, valoriza mais este sentimento. Fernando vive “entre – fronteiras” (BHABHA, 2007).

⁸ Fernando De La Rua. Entrevista realizada em um estúdio na Lapa em São Paulo. 21/12/2008. História de vida.

⁹ Fernando De La Rua. Entrevista realizada em estúdio na Lapa em São Paulo. 21/12/2008. História de vida.

¹⁰ Fernando De La Rua. Entrevista realizada em estúdio na Lapa em São Paulo. 21/12/2008. História de vida.

12

A Sociedade Hispano Brasileira, para nossa investigação tem um significado peculiar. Isto porque é nesse espaço que ocorre a *Fiesta de Andalucía* e também onde as pessoas se sociabilizam. A existência deste espaço facilita o convívio e o encontro entre elas. Fernando De La Rua e Tito Gonzalez tiveram um primeiro contato no Memorial da América Latina, mas participaram juntos de algumas edições da *Fiesta de Andalucía*, Yara Castro conheceu seu esposo Fernando De La Rua na Sociedade. Ao criar a Sociedade Hispano Brasileira como, um lugar, onde se confraternizam, onde laços de amizade, sociabilidade, solidariedade, são constituídos pelo grupo, evidenciam a importância desse espaço, no qual deixam marcas, transformando-o em *território*. Ao narrar suas histórias, tanto a *Fiesta de Andalucía*, quanto a Sociedade, emergiram como muito significativas em suas narrativas. A referência que Fernando tinha da Sociedade, antes de começar a atuar nesse espaço como músico, como artista, era a de um vizinho da cidade de Itapeva, onde Fernando vivia com seus pais. Este senhor era filho de um imigrante espanhol freqüentador assíduo do Hispano, e sugeriu ao pai de Fernando que se associasse a Sociedade Hispano Brasileira.

*E ai o filho dele que é amigo do pai falou. Ah, porque que você não vai pra São Paulo fica sócio lá do clube? E ele mesmo convidou assim. Porque que vocês não ficam sócios lá do clube é um lugar que só tem imigrante espanhol e tudo né? Porque tem imigrante de Madri de Andalucía de todas as outras partes da Espanha.*¹¹

As redes de relações vão sendo constituídas pelos espanhóis. O fato de ter em comum a mesma nacionalidade acabava por aproximar uns dos outros, criando condições para o estabelecimento de laços de amizade e de formação de grupo. As relações constituídas ainda em Itapeva permitiram a Fernando tomar conhecimento da existência da S.H.B., local onde poderia ter um contato direto com as práticas culturais espanholas. A Sociedade, com seu poder de conglomerar esses espanhóis e descendentes, acaba sendo uma facilitadora na criação das redes de relações que vão se constituindo como uma teia, impulsionadas por uma série de fatores.

Tito Gonzáles relata:

¹¹ Fernando De La Rua. Entrevista realizada em estúdio no bairro da Lapa em São Paulo. 21/12/2008. História de vida

13

Então aí o Fernando De La Rua era do interior, mudou pra São Paulo pra fazer faculdade de música.

Então o Fernando era filho de espanhóis né é conhecia flamenco pelo pai dele, ele vem pra fazer faculdade de música e ele queria saber alguma coisa de flamenco então ele foi pro Hispano.¹²

O flamenco, mais uma vez aparece como uma prática cultural viva e a Sociedade é o *território* no qual as relações acontecem. É lá que De La Rua se integra ao grupo Laurita Castro.

E na época claro eles não sabiam direito então tinha que ensaiar muito então ele já foi criando um laço ali. Então na verdade o grupo flamenco Laurita Castro é com essa fusão do Fernando De La Rua foi a, a junção foi feita no Hispano.¹³

Ao vir para São Paulo para estudar música, Fernando De La Rua passa a freqüentar o Hispano com o intuito de aprender e ou aperfeiçoar-se no flamenco. Esse deslocamento e essa aproximação com um espaço que seria na fala de Tito, o único lugar possível para se desenvolver no flamenco, foram fundamentais na experiência de Fernando De La Rua para dar início a sua carreira na arte flamenca. Este era o “*território espanhol*”. Não só o espaço físico, mas o espaço do conagração, de compartilhamento dos mesmos hábitos, costumes, tradições, gostos, práticas, manifestações culturais, as quais são possíveis. Trata-se de um *território* que está inserido, faz parte de um bairro, vila Monumento, que se confunde com o Ypiranga, local onde vivem alguns espanhóis de acordo com Adriana Perez¹⁴. A cidade vai sendo apropriada pelos grupos de imigrantes e descendentes que constituem o bairro do Ipiranga, onde moram transitam freqüentam e a Sociedade Hispano ali situada, como pontos referência em suas vidas.

Fernando cria laços de amizade no Hispano. Ali ocorre a associação do grupo profissional Laurita Castro com o guitarrista, união que é salutar do ponto de vista artístico para Fernando e também para o próprio grupo. A Sociedade proporciona experiências, vivências, encontros, que levam à criação e preservação de determinados laços, muitos deles partilhados na organização e

¹² Tito Gonzalez. Entrevista realizada em sua casa em Itatiba. 19/08/2007. História de vida

¹³ Tito Gonzalez. Entrevista realizada em sua casada em Itatiba. 19/08/2007. História de vida.

¹⁴ Professora da Sociedade Hispano Brasileira e diretora do grupo de flamenco *El Rocío*, também da Sociedade.

14

participavam na *Fiesta de Andalucía*, na qual formas lúdicas de vivências da qual cultura andaluza são possíveis.

A Sociedade se configura como o espaço que propicia “um viver espanhol”. A narrativa de Yara Castro, hoje bailarina e professora de dança flamenca, nos fala da herança cultural deixada por sua avó espanhola e que lhe foi transmitida por sua mãe Laurita Castro e que faz com que Yara dê muito valor ao sentimento espanhol que traz dentro de si. Sobre a importância da Sociedade Hispano Brasileira na divulgação da cultura espanhola diz:

*(...) aí Mário Vargas cantava (...), Henrique Espanha (...), eram, quer dizer (...), era assim, era Mário Vargas era Henrique Espanha era, era o Pepe de Córdoba, tinha uma força muito grande espanhola e dentro do Hispano! Entendeu?*¹⁵

Para Yara Castro, falar da Sociedade Hispano Brasileira significa rememorar um passado repleto de referências identitárias espanholas. A Sociedade emerge como um *território* espanhol, no qual estas referências estão presentes, referências muito fortes da cultura espanhola.

Algumas considerações

Os espanhóis vão se apropriando da cidade e nela vão deixando suas marcas, vão imprimindo na cultura paulistana, novos traços, ou seja, em certa medida novas práticas vão sendo incorporadas a sociedade paulistana. À tão rica e famosa gastronomia de São Paulo, lhe é apresentada a gastronomia espanhola com seus pratos maravilhosos. Assim, surgem restaurantes espanhóis na cidade, o que de alguma maneira vai intervindo em sua gastronomia.

A Sociedade Hispano, a *Fiesta de Andalucía*, ou o Ipiranga, entendidos como *territórios* espanhóis, propiciam que determinadas manifestações culturais espanholas estejam presentes na cidade, mas não apenas nestes espaços, nestes *territórios*, mas também em outros espaços dos quais espanhóis e descendentes vão se apropriando. Alguns bailarinos, músicos, cantores, artistas em geral, que atuaram na Sociedade Hispano Brasileira acabam se profissionalizando na arte flamenca e criando suas próprias escolas de flamenco, como é o caso de Iracy Pradez, dona de

¹⁵ Yara Castro. Entrevista realizada na casa de sua mãe em São Paulo. 17/02/2007. História de vida. .

15

uma escola de flamenco no Ipiranga, além de criarem grupos profissionais de dança flamenca, os quais são muito conhecidos como companhias flamencas.

A constituição de *territórios* espanhóis no Ipiranga, na Sociedade e na Festa flamenca deu condições para que a cultura destes imigrantes e descendentes se amalgamasse em certa medida à cultura da cidade de São Paulo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antonio A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000. 190p.

BHABHA, Homi K. *Locais da cultura*. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FENELON, Dea Ribeiro. *Cidades*. São Paulo: Olho D'Água, 2000. 282p.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telegrafo e imprensa - 1880/1920,. In: FENELON, Dea Ribeiro. *Muitas memórias, outras histórias*, p. 26.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História: história e oralidade*, São Paulo, n.14, p.7-24, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História: história e oralidade*, São Paulo, n.22, p. 9-36, jun. 2001.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Projeto História: história e oralidade*, São Paulo, n.14, p.25-39, fev. 1997.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Ediotres, 1981. 231p.

16

VILANOVA, Mercedes. La historia sin adjetivos con fuentes orales y la historia del presente. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 1, p.31-42, jun. 1998.

VILANOVA, Mercedes. Las fronteras interiores en la sociedad de Barcelona, 1900-1975. Intransigencia de clase, alfabetización y género. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, n.16, p.123-40, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 2000.

FONTES ESCRITAS

Jornal Alborada, n. 157, dezembro de 1994.

MERCHÁN, Marcelino. História de La Sociedade Hispano Brasileira de Socórros Mútuos Instrução e Recreio. Uruguay: Oltaver S.A, 1993 p. 05.

FONTES ORAIS

01. ADRIANA PEREZ

Entrevistas realizadas em São Paulo. Em 2007 e 2010. História de vida.

02. FERNANDO DE LA RUA CAMPOLIN

Entrevista realizada em em São Paulo. Em 2008. História de vida

03. IRACY PRADES

Entrevistas realizadas em São Paulo. Em 2007 e 2010. História de vida.

04. MARIA DOLORES DAPARTE MARIÑAS

Entrevista realizada em São Paulo. Em 2010. História de vida.

17

05. TITO GONZALES

Entrevista realizada em sua casa na cidade de Itatiba. Em 2006. História

06. YARA CASTRO

Entrevista realizada em São Paulo. Em 2007. História de vida.